



POR ONDE VAMOS

UMA INICIATIVA



COM O APOIO



Agricultura tem 1017 novas empresas

Sucesso A economia em geral tem estado em queda, nos últimos dois anos, mas a agricultura segue em sentido oposto, tendo fechado o ano de 2012 a crescer 2,8%. Por cada empresa que fecha abrem outras sete. No país inteiro batem-se recordes de desemprego, mas nos campos há falta de mão de obra, o que está a obrigar os empresários agrícolas a recrutar no Leste europeu e também na Ásia. Por estes dias há tailandeses e vietnamitas na vindima do Douro e na apanha da fruta na zona Oeste



Textos **VÍTOR ANDRADE**
Infografia **JAIME FIGUEIREDO**

por onde vamos

Agricultura é seguramente um dos grandes negócios do século XXI. A explicação é simples: há cada vez mais gente a comer e cada vez menos a produzir alimentos.

A China, um dos grandes países consumidores de alimentos, é um exemplo disso mesmo, com milhões de pessoas a deslocarem-se dos campos para as cidades, abandonando o sector primário para ingressarem na atividade industrial.

É certo que a agricultura também está a evoluir com a mecanização de muitos processos que dantes estavam unicamente dependentes da mão de obra mas, como refere a ONU, num dos seus mais recentes comunicados para a área de alimentação, para se suprirem as necessidades alimentares do mundo em 2050 terá que se duplicar a produção atual. E isto, naturalmente, só se resolve com mais terra cultivada.

José Diogo Albuquerque, secretário de Estado da Agricultura, faz questão de sublinhar esta conclusão da ONU, para acrescentar que Portugal está no bom caminho e está a dar o seu contributo até pelo esforço no domínio das exportações de bens alimentares, que estão a crescer 8,2% ao ano desde 2005.

Em 2012, um ano em que a economia nacional caiu 3,2%, a agricultura cresceu 2,8%.

O secretário de Estado nota ainda que entre janeiro e setembro deste ano foram investidos mais de mil milhões de euros em projetos agrícolas, e que se estão a instalar, em média, 280 jovens empresários por mês, nas mais variadas regiões do país.

Só no primeiro semestre do ano foram criadas 1017 empresas agrícolas em Portugal, e entre abril e junho o sector gerou mais de 40 mil empregos.

Crise traz pessoas para a terra

A crise económica, que se instalou desde 2008 e se acentuou nos últimos dois anos, lançou milhares de portugueses no desemprego. Perante a ausência de oportunidades nos sectores secundário e terciário, muitos ingressam agora na agricultura em busca de uma solução. Segundo o Ministério da Agricultura, os novos agricultores estão a chegar das mais variadas áreas de formação, o que, só por si, também é uma novidade. Ou seja, há muita mão de obra qualificada a ingressar no sector.

Capacidade de antecipação na produção de frutos

Portugal beneficia de condições climáticas que permitem colocar certos produtos no mercado antes da concorrência

Acesso ao crédito, burocracia e falta de mão de obra

A morosidade de processos administrativos ainda deixa muitos projetos parados, tal como a falta de pessoal e de capital

da a ingressar no sector. "Isso acaba por ser positivo, pois é uma autêntica lufada de ar fresco num sector tradicionalmente envelhecido", nota o secretário de Estado da Agricultura, de 31 anos de idade. Ele próprio, formado em engenharia agrónoma, admite, meio a sério meio a brincar, vir um dia a ingressar na atividade agrícola, em vez de regressar aos gabinetes de Bruxelas de onde veio há dois anos.

O entusiasmo é grande, mas nem tudo são rosas. Na verdade, na mesma altura em que o país se debate com uma taxa de desemprego historicamente alta, os empresários agrícolas querem mão de obra para as suas explorações e não a encontram.

Tailandeses e vietnamitas fazem o que os portugueses recusam

Os países do leste europeu e, mais recentemente, alguns países asiáticos têm sido a solução. Nas vindimas do Douro e na apanha da fruta da região Oeste trabalham agora tailandeses e vietnamitas em tarefas que os portugueses não querem. Mas também há trabalhadores romenos no Ribatejo e moldavos e ucranianos no Alentejo. São pagos a cinco euros por hora, em tarefas sazonais, ou então a €600 líquidos por mês em trabalho permanente. Nos casos em que é necessário manter mão de obra nos quadros das empresas.

João Rodrigo Mendes, 24 anos, um dos 1017 novos empresários agrícolas que Portugal ganhou entre janeiro e junho deste ano, está a colher a sua primeira produção de hortícolas na zona de Santarém. "No início tive mesmo muita dificuldade em arranjar pessoal para trabalhar pois algumas pessoas perguntavam-me o que era a tarefa, e quando eu dizia que se tratava de apanhar beringelas ou brócolos, algumas

diziam logo que não pois fazia mal às costas", relata o jovem empresário.

A solução para o seu problema veio dos países do leste europeu, com 30 pessoas que agora já estão na colheita dos pimentos.

Ao mesmo tempo que importamos alguma mão de obra, o esforço de exportação de produtos portugueses é assinalável. A prova que algo está a mudar neste domínio é que, nas duas últimas semanas, durante a preparação deste trabalho para o Expresso, nem sempre foi fácil encontrar os representantes dos vários subsectores da atividade agrícola. Em viagem pelos cinco cantos do mundo, na procura constante de novos mercados, empresários e gestores continuam o esforço de internacionalização, o que acaba por se refletir no aumento dos volumes que saem anualmente do país, desde o azeite aos vinhos, passando ainda pelo sector das frutas e dos legumes.

A exportação daquele tipo de produtos está a aumentar e a puxar pela economia (ver textos nas páginas seguintes). "Nem pode ser de outra maneira. Estamos a exportar valor, a acrescentar qualidade aos nossos produtos e a ganhar agressividade comercial", nota João Pereira, consultor na área agroindustrial. Explica que a imagem dos produtos portugueses fora do país está a mudar para melhor, até porque se tem investido na promoção e em presenças nas feiras mais representativas, "mas o mais importante era que esta estratégia se mantivesse, pois se agora parar, pode significar a perda de todo o esforço que foi feito nos últimos anos".

Em resposta à pergunta "por onde vamos?", João Pereira não tem dúvidas: "Para onde houver água e com uma aposta reforçada nos hortofrutícolas, no vinho e no azeite, porque é nisto que Portugal é bom".

vandrade@expresso.imprensa.pt

DISSERAM

"A agricultura é um excelente negócio. Há cada vez mais gente a comer e cada vez menos gente a produzir alimentos. Estimativas das Nações Unidas concluem que até 2050, para alimentar toda a população mundial, vai ter de se produzir o dobro do que se produz atualmente"

JOSÉ DIOGO ALBUQUERQUE
Secretário de Estado da Agricultura

"Infelizmente, nos vinhos, não temos marcas globais excetuando o Mateus Rosé, que tem algum reconhecimento internacional"

JORGE MONTEIRO, Presidente da ViniPortugal

"Para onde vamos, na agricultura portuguesa? Para as frutas, legumes, vinho e azeite, sem dúvida. No terreno, vamos de certeza para onde houver água"

JOÃO PEREIRA, Consultor na área agrícola



COM O APOIO



1,5

mil milhões de euros é a quanto ascende o valor global das linhas de crédito da banca criadas especificamente para o financiamento de projetos agrícolas

46

Mil empregos foram criados no setor agrícola entre abril e junho deste ano, segundo o Instituto Nacional de Estatística. Segundo o Ministério da Agricultura estamos perante um recorde histórico

480

mil pessoas trabalham atualmente no sector agrícola, um crescimento de 10,6% face ao primeiro trimestre deste ano, quando se registavam 433 mil empregos

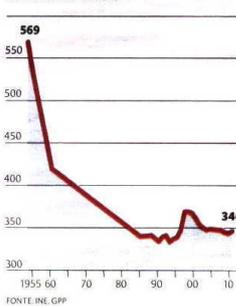
4^o

Portugal é já o 4^o maior exportador mundial de concentrado de tomate

10^o

lugar no ranking dos maiores exportadores mundiais de vinho

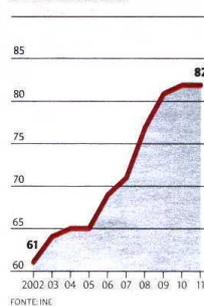
SUPERFÍCIE DE OLIVAL



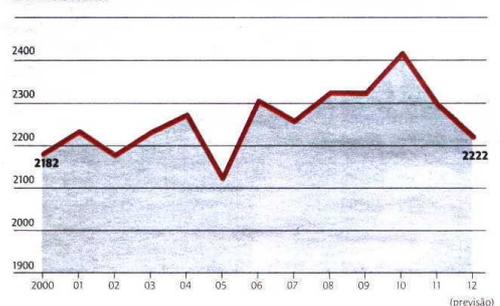
EXPORTAÇÕES DE AZEITE



CONSUMO EM PORTUGAL



VALOR DA PRODUÇÃO DE HORTÍCOLAS, PLANTAS E FLORES



domínio. Na última colheita, de 2013, realizaram-se 60 mil toneladas de azeite, menos que no ano anterior sobretudo devido a questões climatéricas. Mas as estimativas da Casa do Azeite, organismo que congrega os agentes do sector, apontam para 100 mil toneladas em 2020. Tudo porque há muitos olivais já instalados que ainda não estão em plena produção e, por outro lado, porque há muitas áreas de olival que estão a ser plantadas, especialmente no Alentejo e em Trás-os-Montes.

“O investimento agora abrandou mas ainda há olival para plantar e continua a haver manifestações de interesse, mas é um facto que a crise também se fez sentir, sobretudo ao nível do financiamento de novos projetos”, explica Maria Matos, da Casa do Azeite.

A conquista sucessiva de medalhas em concursos internacionais também está a ajudar à abertura de novos mercados e os azeites portugueses já chegam a países como, por exemplo, Coreia do Sul.

Numa altura em que tanto se fala na importância da captação de investimento estrangeiro é de referir que muito do que se tem feito no Alentejo veio de países terceiros, sobretudo de Espanha. No entanto, foi também naquela região que há pouco mais de um ano a Sovena (detentora da marca Oliveira da Serra) plantou o maior olival do mundo (10 mil hectares), num investimento que rondou os €200 milhões.

É certo que Portugal concorre com gigantes mundiais do sector, como a Espanha ou a Itália, mas no dia em que países como a China ou a Índia começaram a incluir azeite com frequência nas suas dietas o consumo deste bem alimentar vai seguramente disparar. Há, por isso mesmo, e segundo alguns empresários, um potencial apreciável na cultura do azeite e, como diz o povo, ...quem tem unhas toca viola. V.A.



A PRIMEIRA COLHEITA DE JOÃO MENDES, NO RIBATEJO
Agora está a colher os pimentos, como se vê na foto feita na passada quinta-feira de manhã, perto da Torre do Bispo, na zona de Santarém. Mas o jovem agricultor de 24 anos que se tornou empresário em janeiro de 2013 já colheu beringelas, abóboras, brócolos e curgetes. É a sua primeira colheita e está toda vendida a duas multinacionais do ramo agroalimentar. João Rodrigo Mendes saiu diretamente dos bancos da universidade para o campo. Estudou engenharia agrónómica e investiu um milhão e 250 mil euros em culturas hortícolas. Numa operação de engenharia financeira conseguiu reunir 35 hectares de terra. Alguns cedidos pelo pai, outros arrendados e ainda uma parte comprada para o efeito. FOTO NUNO BOTELHO

Frutas e Legumes Marketing faz crescer exportações

A criação de uma marca chapéu — a Portugal Fresh — para o sector tem-se revelado decisiva na conquista de novos mercados e na afirmação dos produtos nacionais

O sector da fruta e legumes, onde se incluem também as flores, está a ganhar terreno nos mercados internacionais. As exportações cresceram 21% entre 2010 e 2012, de €760 para €920 milhões.

Curiosamente, este disparo coincide no tempo com a criação e lançamento da marca Portugal Fresh, uma marca chapéu para o sector, que tem feito um esforço de marketing considerado “assinalável” por vários empresários que operam neste domínio.

Um dos maiores méritos da Portugal Fresh foi ter dado dimensão e visibilidade a pequenos produtores, que acabaram por se associar a outros de maior dimensão e começaram, dessa forma, a marcar presença de forma agressiva e regular nos principais even-

tos europeus e mundiais do sector.

A Portugal Fresh, presidida por Manuel Évora, tenta agora ocupar o lugar de país convidado na Fruit Logistica, que anualmente se realiza em Berlim, na Alemanha, e para onde convergem operadores e empresários do mundo inteiro. É ali que nascem grandes contratos ou que se realizam grandes negócios, pois também lá estão sempre representadas todas as grandes cadeias do ramo agroalimentar e da distribuição.

“Apesar de a exportação ser considerada decisiva para a sobrevivência económica das empresas, a promoção dos nossos produtos junto dos consumidores em Portugal é extraordinariamente importante”, refere Manuel Évora.

Por essa razão a Portugal Fresh está agora a preparar um novo slogan: “Consumir nacional é mais que bom. É ótimo”.

No que respeita ao valor da produção deste segmento, os dados mais recentes apurados pela Portugal Fresh apontam para €2500 milhões anuais. Por outro lado, e ainda segundo a mesma organização, as frutas, legumes e flores já são responsáveis por 30% da exportabilidade no sector agrícola.

Um dos fatores que favorecem este sector é o clima português que permite a muitos agricultores da área da fruta, nomeadamente, conseguirem colocar os seus produtos com alguma antecedência em vários mercados europeus e não só, algumas semanas antes de alguns dos seus principais concorrentes do Velho Continente.

Tal como no resto do sector agrícola, também no ramo das frutas e legumes há uma enorme dificuldade em recrutar mão de obra. Por isso mesmo se recorre cada vez mais ao recrutamento nos países de Leste e também na Ásia. Apesar de tudo, também aqui há muitos jovens a instalarem-se como empresários. V.A.



1017

Novas
empresas
agrícolas
criadas
em seis
meses E19